

Inventariando experiências entre os maracatus nação em Pernambuco.¹

Isabel Cristina Martins Guillen (UFPE)

Resumo

Este trabalho objetiva discutir as experiências desenvolvidas por um grupo de pesquisa responsável pelo inventário cultural dos maracatus nação de Pernambuco, projeto no qual envolvemos como membros da equipe de pesquisadores alguns sujeitos que participaram longamente de diversos maracatus nação enquanto maracatuzeiros (batuqueiros, dirigentes de grupos, dançarinos, etc.). Nesse sentido, é nosso propósito interrogar sobre as fronteiras entre o pesquisador e seu "informante", uma vez que nestes projetos pesquisadores e informantes ocupavam o mesmo lugar. Quais as dificuldades enfrentadas? Como a proposta de incorporar os maracatuzeiros como pesquisadores foi recebida? Qual a reação dos maracatus nação como um todo ao processo de inventário? Que dilemas éticos foram enfrentados pela equipe? São questões que apontam para um cruzamento de fronteiras, bem como colocam em discussão outras dimensões do trabalho do pesquisador que objetivamos discutir.

Palavras chave: maracatus nação; cultura popular, patrimônio imaterial.

O governo do Estado de Pernambuco requereu em 2007, ao IPHAN, o registro do maracatu nação como patrimônio cultural do Brasil. Bem como o registro do maracatu de baque solto, caboclinho e cavalo marinho. Até 2011 o inventário dos bens acima mencionados, não tinha sido iniciado, quando neste ano a FUNDARPE lançou um edital (licitação) convocando a formação de equipes especializadas para a realização do inventário. Após todos os trâmites burocráticos, iniciamos o processo de inventário cultural dos maracatus nação em novembro de 2011. Este inventário deve aplicar o INRC, metodologia constituída de um conjunto de fichas, desenvolvida pelo IPHAN; documentar o bem (maracatu nação) através da realização de entrevistas com os maracatuzeiros e outras pessoas que constituam referência cultural para o bem, bem como documentar as principais atividades que envolvem o contexto dos maracatus, tais como as diversas celebrações que ocorrem no carnaval, a exemplo da Noite dos Tambores Silenciosos. Ainda fazem parte das exigências do inventário a realização de um documentário de caráter etnográfico, de aproximadamente sessenta minutos e uma versão mais enxuta do mesmo documentário. Tudo isso para ser entregue no prazo de dez meses, o que sinaliza para o leitor a imensa tarefa que a equipe de pesquisa tem pela

¹ Trabalho apresentado na 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil.

frente, e como a formação da equipe, com a participação de maracatuzeiros tem sido muito importante para o desenvolvimento do trabalho de campo. É nesse sentido que o edital fixou como exigência uma equipe qualificada e que contassem com a presença de pessoas detentoras do bem a ser inventariado.²

Entre o pedido do registro e a formação da equipe que faria o inventário, muito tempo transcorreu e algumas coisas importantes aconteceram que afetaram as relações nas quais os maracatus nação estão envolvidos. Em especial é necessário considerar a fundação da *Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco (AMANPE)* em 2009, que congrega hoje a maior parte dos grupos de maracatu do Estado.³ A AMANPE tem contribuído, ainda que gradativamente, para a afirmação de práticas de autonomia entre os maracatus, seja em termos financeiros, seja mesmo do ponto de vista da cidadania jurídica. Hoje a AMANPE é responsável pelo repasse da subvenção paga pela prefeitura aos grupos de maracatus, e tem contribuído para uma maior transparência no tratamento dos recursos públicos destinados ao carnaval. O maior entrave encontra-se na própria gestão da prefeitura do Recife, que atrasa sobremaneira os pagamentos. De acordo com seu presidente, Ivaldo Marciano, acredita-se que em longo prazo os maracatus estejam associados para defender interesses em comum, sobrepujando antigas rivalidades.

Do início do inventário até o momento em que escrevo este paper já concluímos o que se denominou de levantamento preliminar, ou seja, fizemos um contato preliminar com os grupos de maracatus, assim como procedemos a um levantamento documental sobre o bem, documentação esta existente em bibliotecas e acervos públicos.

² A equipe é composta por mim, professora da UFPE, doutora em história pela UNICAMP, com experiência comprovada na área de patrimônio cultural (imaterial) e por Ivaldo Marciano de França Lima, também doutor em história pela UFF e mestre do batuque do Maracatu Nação Cambinda Estrela, como supervisor. Também fazem parte da equipe quatro pesquisadores, todos eles com mestrado na área de história, antropologia e etnomusicologia, que são Beatriz Koslinski (mestra em Antropologia pela UFPE e sua dissertação versa sobre o Maracatu Nação Porto Rico); Fernando de Souza (etnomusicólogo, doutorando e desenvolvendo tese sobre o coco); Jailma Oliveira (mestra em Antropologia pela UFPE, cuja dissertação versa sobre questões de gênero nos maracatus nação) e Lydiane Batista (mestra em história pela UFPE, cuja dissertação versa sobre o carnaval em Caicó, RN, utilizando a história oral). Como assistentes de pesquisa contamos com a presença de maracatuzeiros, como Walter de França Jr, batuqueiro do Maracatu Nação Estrela Brilhante; Jamesson Florentino, ex-mestre do Maracatu Nação Leão da Campina; Fábio Sotero, articulador do Maracatu Nação Aurora Africana; Roberta Lúcia da Silva, desfilante do Maracatu Nação Cambinda Estrela. A equipe também é constituída por Mayra Coelho (bolsista proacad da UFPE lotada no LAHOI); Fabiana Cavalcanti (bolsista FACEPE lotada no LAHOI); Patrícia Araújo (estudante de ciências sociais); Lunara (estudante de ciências sociais na UFPE).

³ Existem hoje em Pernambuco 28 e não estão associados à AMANPE o Maracatu Leão Coroado, Estrela Brilhante de Igarassu, Cambinda Africano e Elefante. São associados da AMANPE: Almirante do Forte; Aurora Africana; Axé da Lua; Cambinda Estrela; Centro Grande Leão Coroado; Encanto da Alegria; Encanto do Dendê; Encanto do Pina; Estrela Brilhante do Recife; Estrela Dalva; Estrela de Ouro de Olinda; Gato Preto; Leão da Campina; Leão de Judá; Linda Flor; Lira do Morro da Conceição; Maracatu Nação Tigre.

Nossa experiência nos permitira discutir, metodologicamente, a aplicação do INRC, os benefícios ou facilidades que traz, ou mesmo os entraves e dificuldades. Apesar de ser um tema bastante instigante, dado que a metodologia tem sido largamente utilizada na produção de inventários culturais, e demandar uma avaliação, não é este nosso objetivo no momento. Não obstante, o tema estará sendo implicitamente discutido, pois nosso objetivo é avaliar as relações entre pesquisadores e pesquisados, ou seja, o próprio trabalho de campo. Para tanto, é necessário circunstanciar nossa experiência prévia, para assinalar os problemas e benefícios que temos encontrados, e que são oriundos em grande parte dessa mesma experiência.

Como todo trabalho de campo, este também tem sido um rito de passagem. Não obstante, em meio a imprevisíveis situações que muitas vezes cercam os pesquisadores e maracatuzeiros, as dificuldades teóricas em delimitar o campo de pesquisa e os modos de inserção dos pesquisadores nesse campo, em grande parte delimitados pela própria metodologia do INRC, a equipe como um todo carrega consigo um capital cultural que vale a pena discutir para se entender a inserção da mesma no trabalho de campo. Nesse sentido, como afirmou Silva (2006), o campo precisa ser entendido no sentido amplo do termo, e agrega diversas outras “experiências” não circunscritas à observação participantes exclusivamente.

LAHOI e os projetos de história e memória dos maracatus.

Para a equipe que faz o inventário, algumas experiências desenvolvidas anteriormente foram muito importantes. Em primeiro lugar, há uma experiência acumulada graças à realização de alguns outros projetos realizados antes no LAHOI (Laboratório de História Oral e da Imagem da UFPE). O projeto *Ritmos, cores e gestos da negritude pernambucana*, realizado com recursos do FUNCULTURA e do CNPq, formou um grande acervo documental constituído por documentação jornalística (que inclui matérias sobre os maracatus de 1960 a 2009), e entrevistas de história oral (foram realizadas mas de 30 entrevistas entre militantes de movimentos negros, afoxés, grupos de teatro e dança e maracatus).⁴ A consecução do projeto capacitou membros da equipe em termos de conhecimento sobre a história dos grupos de maracatus nação, bem como estabeleceu contatos preliminares com diversos de seus principais dirigentes.

⁴ Essa documentação está disponível para pesquisadores no LAHOI e no site: [HTTP://www.ufpe.br/negritude](http://www.ufpe.br/negritude).

Nos anos de 2010 e 2011 foram realizados dois grandes projetos no LAHOI envolvendo diretamente os maracatus nação. O primeiro *História e memória dos maracatus nação de Pernambuco*, realizou uma série de novas entrevistas com maracatuzeiros antigos, alguns deles participantes de grupos que não mais existem, mas que constituem uma comunidade de memória entre os grupos de maracatus. As pessoas entrevistadas nos falaram de outras que são referência para a tradição entre os maracatuzeiros, como Luis de França ou Dona Santa. Estes dois projetos nos deram acesso a essa comunidade de memória, e nos familiarizaram com muitos temas que envolvem as práticas culturais dos maracatuzeiros, bem como a religião dos orixás.

O projeto *Inventário Sonoro dos Maracatus Nação de Pernambuco*, financiado pelo FUNCULTURA, tinha por objetivos pensar um CD coletânea de dezenove grupos de maracatus.⁵ Para tal, foram gravados em estúdio móvel os batuques desses dezenove grupos, em situação bastante similar às que ocorrem na maior parte das apresentações dos maracatus, ou seja, em ambiente aberto, preferencialmente na rua. Cada grupo de maracatu foi gravado em um grande ensaio em suas sedes, na rua onde usualmente costumam ensaiar. Cada grupo escolheu a toada que comporia a coletânea, bem como recebeu um CD máster com o repertório gravado. Todo o material gravado encontra-se arquivado no LAHOI.

A formação de uma equipe para desenvolver este projeto, com batuqueiros ou integrantes dos grupos de maracatus possibilitou uma circulação desses pesquisadores pelo mundo musical dos maracatus, bem como que conhecessem todos os maracatus envolvidos no projeto. Acredito que também tenha contribuído para que as rivalidades entre os membros de diversos grupos não só atenuadas, mas também que aprendessem a ouvir as histórias e sonoridades de todos os grupos.

Além de gravar os batuques dos maracatus o projeto também tinha por objetivos aplicar o INRC, para inventariar a música dos maracatus. O crescente processo de espetacularização dos maracatus tem contribuído para certa homogeneização de sua sonoridade, e objetivávamos com este projeto registrar a diversidade percussiva dos grupos. Para tanto, apenas o registro em CD não nos parecia suficiente, por isso planejamos aplicar o INRC apenas nos aspectos que envolviam a música dos grupos, ou seja utilizá-lo parcialmente, como instrumento de pesquisa que facilitaria a coleta de

⁵ <http://inventariomaracatus.blogspot.com.br/>

organização do trabalho de campo por uma equipe não especializada, constituída de maracatuzeiros e maracatuzeiras.⁶

Foram estes jovens, com minha orientação e de Ivaldo Marciano, que efetuaram toda a pesquisa de campo do inventário sonoro, aplicando os questionários do INRC para as formas de expressão (já que se objetivava apenas discutir a música) e preenchendo os anexos e fichas de formas de expressão. Esta equipe também foi a responsável pela realização de entrevista com pelo menos um membro (de preferência seu articulador, mestre de batuque, rei ou rainha), bem como documentou fotograficamente e através de vídeo todo o processo de gravação do CD. Não podemos dizer que o resultado tenha sido perfeito em termos acadêmicos, mas foi sem dúvida alguma uma grande experiência para os jovens se capacitarem e se apropriarem dos instrumentos disponíveis para a realização de inventário, conforme a própria orientação do IPHAN e da UNESCO.

Por outro lado, ressaltamos que o contexto cultural contemporâneo, que envolve os grupos de maracatus nação. Não se pode mais descrever os maracatus nação como grupos tradicionais, no sentido conservado e muitas vezes pejorativo do termo, como se se tratasse de uma manifestação da cultura popular que vive isolada. Ao contrário, os maracatus nação estão em constantes trânsitos culturais com grupos de classe média, ao redor do mundo, imersos numa cultura espetacularizada com as quais têm que lidar cotidianamente. Isto tem feito com que os jovens de classe média e mesmo os jovens das periferias da região metropolitana do Recife, não vejam mais os maracatus como coisa de velhos, como há até duas décadas era visto. O maracatu nação em Pernambuco hoje é definidor e constituidor de identidades entre jovens dessas periferias que querem participar da cena cultural pernambucana. Este jovens hoje, ainda que não majoritariamente, têm acesso à formação universitária, situação muito diferente para quem fazia maracatu há algumas décadas. Ressalte-se que os maracatus nação hoje possuem em seus quadros um grande número de jovens adultos, situação que difere em

⁶ A equipe foi formada por estudantes universitários que de alguma forma estivessem vinculados a um grupo de maracatu. Participaram do projeto: Adriano Santos, estudante de História da FUNESO e batuqueiro do Maracatu Nação Cambinda Estrela; Jamila Marques, estudante de ciências sociais na UFRPE, bailarina e participante do maracatu nação Leão da Campina; Jamesson Florentino, formado em pedagogia, foi ex-mestre do Maracatu Nação Leão da Campina; Fernando Silva, estudante de ciências sociais na UFRPE, batuqueiro do Maracatu Nação Porto Rico; Roberta Lúcia da Silva, estudante de história da FUNESO e desfilante do Maracatu Nação Cambinda Estrela; Daniele Melo da Silva. Estudante de História da FUNESO, batuqueira do Maracatu Nação Cambinda Estrela; Anna Beatriz Zanine Koslinski, mestranda em Antropologia na UFPE e na época batuqueira do Porto Rico.

partes de outros bens da cultura popular, o que lhe dá um caráter de renovação e atualização.

Para mim foi também uma experiência importantíssima já que pela primeira vez em minha trajetória como pesquisadora, atuei efetivamente numa pesquisa de campo, de cunho antropológico e etnomusicológico, em que cada membro da equipe foi orientado a fazer um caderno de campo, a registrar suas experiências, para depois poder elaborar essas observações em análises ou descrições. Apesar das muitas dificuldades que emergiram no próprio trabalho de campo e no preenchimento das fichas, alguns resultados assinalaram para a importância desse trabalho de campo, quando se preencheu fichas com as formas com que cada grupo afinava seu instrumento e cada grupo colocava (empachava) as peles nas alfaias.

Por outro lado, é importante destacar que nos últimos anos eu também não tenho ocupado um lugar estritamente acadêmico (historiadora que trabalha com a história dos afro-descendentes). Desde 2004 a 2008 tive a oportunidade de atuar intensamente na construção dos carnavais do Maracatu Nação Cambinda Estrela, não apenas como observadora, mas fazendo parte do cotidiano desse grupo, frequentando quase todos os ensaios e apresentações públicas, trabalhando com costureiros e costureiras na criação das fantasias, participando do processo de compra dos materiais, escolhendo os tecidos e modelos, frequentando as reuniões em que se organizava o carnaval tanto internamente como com a prefeitura e outros grupos de maracatus, a exemplo de reuniões sobre a Noite dos Tambores Silenciosos. Aos poucos, fui me identificando com o grupo e cedo com ele identificada por alguns maracatuzeiros e agentes culturais da prefeitura... Minha participação no Cambinda Estrela me trouxe um aprendizado sem preço, e devo muito a todos os membros deste grupo por hoje poder dizer que – mesmo que minimamente – compreendo como um maracatu é feito, produzido, no seu cotidiano, nos meses que antecedem o carnaval, e pude compartilhar os prazeres e alegrias do carnaval, bem como o peso das obrigações que colocar um maracatu na rua acarreta. Como diz uma toada de domínio público: “O carnaval tem seus direitos/ quem não pode com ele não se meta.”

Esses fatores fizeram com que minimamente a equipe constituída para executar o inventário cultural dos maracatus nação fosse experiente e já tivesse um grande conhecimento acumulado sobre o bem a ser inventariado, conhecimento este que tem sido fundamental para que estejamos conseguindo nos conduzir no campo dentro dos prazos estabelecidos para executar uma tarefa que é extremamente difícil dada a

complexidade dos bens inventariados. O conhecimento acumulado, as entrevistas realizadas anteriormente, o trabalho de levantamento histórico e documental, tem facilitado enormemente o trabalho de todos os pesquisadores, a ponto de poder se duvidar se o prazo estabelecido pela FUNDARPE, de 10 meses, seria exequível para uma equipe que não tivesse conhecimento prévio mínimo do bem em questão.

Por outro lado, do ponto de vista acadêmico, é importante também salientar que os maracatus nação tem sido objeto de muitos estudos, e foi tratado em teses e dissertações de diversas áreas das ciências humanas, por historiadores como Ivaldo Marciano, antropólogos com Anna Beatriz Koslinsky, Clarisse Krubrusli, Jailma Oliveira, etnomusicólogos como Carlos Sandroni e Ernesto Carvalho, dentre outros muitos trabalhos que poderiam ser citados também em outras áreas, quase todos eles disponíveis em bancos de teses e dissertações nas universidades onde foram defendidas.

Os maiores problemas, ou desafios, ao que me parece, não se encontram na capacidade de trabalho, capacitação ou experiência da equipe, mas na relação desta equipe com os maracatuzeiros, principalmente seus articuladores, mestre, reis e rainha, além dos mestres de batuque. Ou seja, na própria constituição do trabalho de campo, que não pode e nem está sendo encarado, como um dado natural.

O trabalho de campo e a relação com os maracatuzeiros e maracatuzeiras.

Quem se propor a estudar os maracatus nação em Pernambuco dificilmente conseguirá pairar acima dos conflitos e tensões que perpassam as relações entre os próprios maracatuzeiros e maracatuzeiras. Pode-se dizer que é praticamente impossível se inserir nesse campo sem causar ou envolver-se nos conflitos, rivalidades e disputas que caracterizam o cotidiano de muitos maracatus nação. Quando o pesquisador se aproxima de um grupo, dificilmente conseguirá estabelecer relações com os grupos rivais. O “campo” dos maracatus é perpassado de tensões oriundas de diversas direções: antigas disputas carnavalescas, rivalidades pessoais entre os dirigentes dos grupos, afiliações religiosas conflituosas, e outras mais. É praticamente um campo minado, em que se situar nesse território é sempre palco de negociações e conflitos.

No entanto, diferentemente de uma pesquisa de campo, este inventário deve entrar em contato e colher informações de todos, ou da grande maioria, dos grupos de maracatus nação. Nesse sentido não há uma completa imersão dos pesquisadores no campo, mas visões parciais do mesmo. Não há também garantias de que a soma dessas

visões parciais nos proporcione uma visão mais ampla do conjunto dos maracatus. Mas é o que pede a metodologia do INRC e para isso nos preparamos. Desnecessário lembrar que o conjunto dos maracatus não constitui uma aldeia! A complexidade que envolve esses grupos culturais deve levar em consideração a inserção de alguns grupos no mercado cultural globalizado, as negociações que entabulam com grupos percussivos espalhados por todo o mundo, as diferenças e desigualdades existentes entre os grupos de maracatus, que geram diferentes tipos de rivalidades e tensões sociais com as quais o pesquisador precisa lidar, e negociar sua inserção no campo. É sempre necessário considerar os diferentes processos históricos a que os grupos estão ou foram submetidos, assim como a consciência que têm a respeito desta mesma história. (Peirano, 1992, p. 123)

Os maracatuzeiros têm uma compreensão do trabalho de campo (pesquisa) que conforma igualmente nossos limites de pesquisa. Essa compreensão impõe a necessidade constante de negociarmos nossa permanência no campo, as informações a serem obtidas e os resultados que se espera obter. O sentimento bastante comum entre maracatuzeiros e maracatuzeiras de desconfiança em relação ao pesquisador pontua nossos limites de atuação e as constantes negociações a serem feitas. Em muitos momentos, poderíamos afirmar tratar-se de uma espécie de sentimento anticolonialista, uma certa recusa moral e psicológica em serem “apropriados” pelo pesquisador.

Que estratégias foram traçadas para legitimar (ou minimizar) os possíveis conflitos? Em primeiro lugar, fizemos uma grande reunião antes do carnaval com a maior parte dos dirigentes dos maracatus não explicando os objetivos do inventário. É importante esclarecer que eles já nos conheciam de outras entrevistas e seminários realizados na UFPE sobre o tema. Em segundo lugar, o próprio inventário foi uma demanda da AMANPE.

Que garantias obtemos com isso? Não há garantias! Por outro lado, podemos nos perguntar o que a presença de “nativos” ou maracatuzeiros e maracatuzeiras na equipe poderia garantir ou assegurar? Sem dúvida, minimiza a desconfiança no momento de aproximação com os grupos e seus dirigentes, mas não nos assegura melhor e mais fácil acesso às informações. Desse modo, numa primeira mirada, os membros da equipe em princípio não se distinguiriam de um informante como outro qualquer, mesmo que um informante privilegiado.

Não obstante, o objetivo de se inserir os maracatuzeiros e maracatuzeiras na equipe tem um teor propedêutico, além de político. Trata-se de propiciar ocasião para

que os detentores do bem conheçam e se apropriem das políticas públicas voltadas ao patrimônio imaterial, bem como da metodologia ou instrumentos utilizados para tal fim. A pesquisa, neste caso, se torna um instrumento pedagógico também. Por isso a necessidade de que o inventário cultural dos maracatus nação de Pernambuco esteja sendo realizado em estreita parceria com a AMANPE, para que periodicamente possamos entrar em contato com todo o grupo (ou sua maior parte), prestar esclarecimentos do andamento da pesquisa e das etapas vindouras. A questão quase que natural que se coloca é se os grupos inventariados são apenas aqueles que pertencem à Associação. A resposta imediata é: não! Dos quatro grupos que não pertencem à AMANPE foram contactados três, dois deles inventariados e espera-se que até o final do inventário o terceiro grupo também seja entrevistado. O único grupo que não foi contactado foi o Elefante, pois este encontra-se “desarticulado”, sem desfilar e sem participar do carnaval deste ano. Foram contactados e entrevistados os maracatus Cambinda Africano e Leão Coroado, sem grandes problemas além das tensões habituais que este grupos demonstram com a atuação do presidente da AMANPE.

O que não quer dizer que o contato e as entrevistas realizadas com estes grupos tenham sido tranquilas ou sem tensão, uma vez que a não participação na associação se deve à divergências políticas e de condução. Há uma dificuldade muito grande em dissociar o trabalho de pesquisa da AMANPE uma vez que seu presidente, Ivaldo Marciano de França Lima, é também membro da equipe do inventário.

A maior dificuldade tem sido conversar com o mestre e articulador do Estrela Brilhante de Igarassu, que tem demonstrado maior resistência e dificuldade em dissociar o processo de inventário da pessoa da AMANPE. Em muitos momentos, sua desconfiança sinaliza para um problema histórico que é comum a muitas manifestações da cultura popular e que se refere ao desconhecimento em relação ao processo que farão parte, traduzido em perguntas como: o que vocês vão fazer com essa entrevista? O que eu vou ganhar com esse inventário? Pra que eu preciso que vocês gravem minha história se eu a conheço e a conto sempre para os que fazem parte do meu grupo?

Por um lado, este ponto revela que o inventário está sendo entendido como um projeto da AMANPE, ou seja, de modo implícito, dos próprios maracatuzeiros e maracatuzeiras. A presença dos maracatuzeiros e maracatuzeiras na equipe de pesquisa tem sido fundamental para consolidar esta ideia e pretende também contribuir para uma maior apropriação das políticas públicas por parte dos grupos.

A desconfiança manifestada com diversos processos de pesquisa, e com este especificamente, é revelador da tensão que perpassa o trabalho de campo em muitos grupos, pois não se pode negar que para uma maioria de maracatuzeiros e maracatuzeiras, os significados do inventário e as consequências em longo prazo não são perceptíveis por eles. Não conseguem visualizar os benefícios que poderão usufruir por desconhecimento das políticas públicas formuladas em âmbito federal sobre o processo de patrimonialização da cultura popular, tais como os planos de salvaguarda, a possibilidade de obtenção de um pontão de cultura, entre outros benefícios. Esta é uma questão importante pois sinaliza para os limites da apropriação das políticas públicas por parte dos grupos, bem como que o processo de inventário ainda está sendo realizado à revelia e mesmo sem a participação efetiva dos grupos, por desconhecimento do que é um inventário cultural e o processo de patrimonialização de um bem da cultura imaterial.

É importante esclarecer que antes do início do trabalho de campo foi feita uma reunião com os associados da AMANPE para explicar o processo, bem como os mesmos articuladores e articuladoras dos maracatus já tinham participado de seminários e workshop promovidos pelo LAHOI durante a execução dos projetos acima mencionados. Não obstante, não foram suficientes para que os grupos se apropriassem dessas políticas públicas ou mesmo se tornassem cientes de seus possíveis benefícios.

A desconfiança é também um dado de que as boas relações com muitos pesquisadores tem chegado a um limite de tolerância, devido à superexposição dos grupos de maracatu com os pesquisadores, responsáveis pelo razoável número de teses e dissertações defendidas nestes últimos anos. A desconfiança com o que os pesquisadores fazem com os dados que coletam revelam o desconforto que o desconhecimento de para que servem as pesquisas na área das ciências humanas tem provocado nos membros dos maracatus nação. Este é o resultado também de um certo descomprometimento dos pesquisadores de não levarem de volta o resultado de seu trabalho (sejam teses, dissertações, entrevistas realizadas, vídeos editados, etc.). Este dado revela, por outro lado, que a desconfiança não é restrita aos pesquisadores. Ao contrário, acredito que nós sofremos os efeitos de um processo histórico que as culturas populares tem sido alvo, que é o da apropriação cultural.

A desconfiança é o resultado de um processo em que artistas, produtores culturais, cineastas, jornalistas, etc, via de regra apontam o foco para as culturas populares sempre muito momentaneamente, sem contribuir para um efetivo retorno

ou benefícios, principalmente pecuniários, para os grupos. Muitos maracatuzeiros e maracatuzeiras não conseguem demarcar as fronteiras entre artistas e produtores culturais, que podem se apropriar de seu saber-fazer, dos pesquisadores que supostamente querem apenas registrar esse saber-fazer. Esta questão ética é interessante para se pensar não apenas os processos históricos pelos quais as culturas populares estão envolvidas na aproximação destas manifestações com a grande imprensa e com o mundo da produção cultural. É fundamental para um bom trabalho de campo que se leve em consideração essa sobre exposição, que se fique atento a pequenos gestos de retribuição e a um constante esclarecimento sobre o que estamos fazendo com os dados coletados.

James Clifford (2002, p. 247) observou que, no fundo, “o trabalho de campo requer uma certa cumplicidade (...) mas cumplicidade não é reciprocidade, embora possa ser parte da reciprocidade.” Estamos todos imersos num processo de dom e contra dom, pois nem tudo numa pesquisa tem a ver com a obtenção de dados frios ou análises imparciais, mas muito desses dados decorrem dos compromissos firmados e das relações interpessoais estabelecidas. A partir das reflexões suscitadas por Geertz (2005), Giumbelli (2002, p. 104) observa que “acabamos aprendendo algo sobre nós mesmo quando só deveríamos desvendar a vida deles.” Nessa relação, quase sempre desigual e assimétrica, o encontro deve permitir enriquecermos nosso conhecimento, pensarmos levando em consideração “nossa própria natureza”.

BIBLIOGRAFIA

CARRITHERS, Michael. Fieldwork. In: BARNARD, Alan; SPENCER, Jonathan. *Encyclopedia Of Social And Cultural Anthropology*. London, Routledge, 2002, p. 350-352.

CLIFFORD, James. *A experienciar etnográfica. Antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2002.

GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas. O antropólogo como autor*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2005.

GIUMBELLI, Emerson. Para além do “trabalho de campo”: reflexões supostamente malinowskianas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17 n. 48, fev 2002, p. 91-107.

PEIRANO, Mariza G. S. *Um antropologia no plural*. Brasília, Ed. UnB, 1992

SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia*. São Paulo, Edusp, 2006.